



Residência Quintal Aberto, 2018
Educativo MCB

Residência Quintal Aberto: uma introdução

A primeira edição da Residência Quintal Aberto foi planejada e coordenada pelo setor Educativo do Museu da Casa Brasileira, por Flavia Mielnik e Guilherme Ranieri. Propusemos um edital aberto, buscando diversidade de visões e abordagens que envolvessem a relação entre o quintal, a casa e sua vocação, tendo como principal objetivo ativá-los enquanto espaço de experimentação e investigação.

Recebemos 35 propostas de diferentes linguagens. Os projetos passaram por leitura minuciosa, considerando alguns critérios que precisavam ser atendidos, como: clareza, consistência, exeqüibilidade, abertura para trabalhar e permear os demais projetos, relacionar-se com a vocação do Museu, e que talvez não ocorressem em outro lugar senão no quintal da Casa.

As participantes selecionadas foram Coletivo Batatas Jardineiras (Maria Eudóxia Pilotto de Carvalho; Mariana de Toledo Marchesi e Roberta Moraes Curan) com a proposta *Tecendo relações no quintal do museu: a compostagem e a horta*; Julia Paranaguá, com o projeto *Ler quintais como quem tinge memórias*; e Marla Fernanda dos Santos Rodrigues, com *Quintal: convivência, memórias e saberes*.

Todos os trabalhos desenvolvidos pelas residentes reverberaram as tecnologias utilizadas pelo educativo em suas atividades, que são focadas na experiência, na ativação de memórias e do campo poético dos visitantes. Dessa forma, seus trabalhos também se apropriaram dos nossos contatos através da calçada, do olho no olho, da conversa.

Trabalhamos a ativação dos quintais que o público do Museu carrega consigo, sejam eles reais ou imaginários. Além dos grupos que o Museu recebe diretamente, o trabalho das residentes incluiu atividades com os transeuntes da rua e também com o público que frequenta o Museu. Durante o processo de acompanhamento das residentes produzimos textos, mapas cartográficos e imagens, agora disponíveis neste documento para consulta do público.

Os Pontos de partidas dos projetos contemplados

***Tecendo relações no quintal do museu: a compostagem e a horta* - Coletivo Batatas Jardineiras**

“Percebemos o quintal do MCB, em especial a horta, como um espaço pleno de potencialidades ainda pouco exploradas. A casa está cercada por um jardim, com a sombra de muitas árvores. Nossa proposta é ativar a horta com um sistema de compostagem, por meio da instalação de *torres de minhocas* – estruturas de PVC introduzidas na terra, onde o próprio trânsito dos seres do subterrâneo distribuem os nutrientes no canteiro. Envolver os funcionários do museu e o público frequentador nas atividades de manutenção, plantio, criação e reflexão deste espaço e as potências que poderão se manifestar nesta conexão entre o solo e superfície.”

***Ler quintais como quem tinge memórias* - Julia Paranaguá**

“Este projeto de residência nasce de um viés acadêmico, precisamente da dissertação de mestrado *Entre o quintal, a literatura e a identidade: o espaço e sua imensão simbólica de fronteira*, partindo das representações de quintal na literatura brasileira. A presente proposta se estrutura entre dois pontos de interesse: o Arquivo Ernani Silva Bruno e o seu fichário dos equipamentos da casa brasileira; e a ideia de catálogo de cores e a possibilidade de, a partir de seus moldes, realizar um inventário das cores presentes nos elementos que compõem o jardim do Museu da Casa Brasileira, relacionando-as às memórias de seu público. Mergulharemos no inventário de representações imagético-literárias da casa brasileira, compreendido entre os séculos XV e XX, e nele buscaremos analisar sua metodologia e investigar os parâmetros e categorias utilizados em sua elaboração. O segundo ponto, o inventário de cores a ser realizado junto ao público do museu, será por onde, através de ações práticas,

desenvolveremos e testaremos meios possíveis de trazer a tona o acervo do MCB, instaurando um diálogo entre o acervo e o público.”

Quintal: convivência, memórias e saberes - Marla Fernanda dos Santos Rodrigues

“O quintal ou o jardim costumava ser o espaço da convivência, das brincadeiras, das ervas e das árvores, de onde avós extraíam frutos e folhas para fazer chás, sucos e mesmo para curar enfermidades. A proposta consiste na investigação poética e artística de espécies vegetais do jardim do museu e das memórias dos quintais dos visitantes, segundo seus potenciais de uso alimentício e medicinal e suas conexões afetivas através de entrevistas com os visitantes. A investigação será construída em desenhos, escritos e pinturas, conforme os saberes e informações pesquisadas. A partir da necessidade de ativação do jardim, propõe-se a utilização deste como laboratório de pesquisa e como lugar para o desenvolvimento do projeto a partir da criação de um ateliê.”

Quintais como espaço de resistência ou O que faz um quintal?

Ativar um quintal não é exatamente uma tarefa fácil nos dias de hoje, porque eles estão cada vez mais raros. Nós, como observadores dos processos das residentes, percebemos que não apareceram os quintais cimentados e diminutos dos dias de hoje, mas o quintal que permeava a esfera do público e do coletivo: a rua, enquanto uma extensão da casa. Emergiram do passado também os amplos e ensolarados terreiros com poços, jabuticabas, mangas e bananas; roupas cheirosas no varal, hortos com ervas medicinais e hortaliças, crianças correndo, música, roda de samba. Foram evocados, inclusive, quintais como o espaço para o cuidado espiritual, em que se criavam animais e se cultivavam ervas destinadas a rituais religiosos, rezas e benzimentos.

A verticalização da cidade, essa São Paulo adensada e populosa, de solo urbano caro e repleto de especulação, nos levou a um cenário cada vez mais encarcerado, no que tange a essa perspectiva de quintal enquanto espaço de socialização, de lazer e de trabalho. Em extensas áreas da cidade, restam corredores de onde mal se vê o céu, casas empilhadas, quintais pouco funcionais, com gramados e garagens. O quintal paulista para muitos, hoje, não é mais o quintal de antes. Apesar disso, ainda existem áreas na cidade, em sua maioria localizadas em suas bordas, onde resistem casas com quintais, sejam eles para brincar ou para cultivar, lugares estes em que permanecem modos de vida, como aqueles trazidos pelas pessoas que migraram para São Paulo.

Esses quintais acessados pelas memórias das pessoas é, por vezes, um quintal utópico, que ainda existe, mais dentro de nós do que fora. Ainda que os espaços verdes do Museu possam ser quintal, as narrativas mostram que esse conceito é mais amplo. Será o quintal uma estrutura urbana em franca extinção? Para onde irão as pequenas hortas, as histórias contadas debaixo das árvores, os banhos de bacia, as cantigas de roda, as brincadeiras imaginadas? O quintal é, antes de tudo, um espaço de resistência. Primeiro, do direito a olhar para cima e ver o céu, a receber sol esticado em uma cadeira. Um espaço que mistura o privado, o foro íntimo do lar, lavagem dos panelões de doce, dos baldes, das roupas. O resguardo das plantas sagradas e de poder, para as medicinas do dia-a-dia, que curam o corpo e o espírito, das roseiras que se podam no final do inverno. É, contudo, um território igualmente de foro coletivo, onde ocorrem festas, os almoços de família, por onde as visitas assistem os cachorros correndo e as crianças brincando, onde tem roda de canto, roda de santo. Onde tem espaço para meditação, lendo um livro, contemplando as vinhas que se agarram nos muros.

Podemos ser fiéis ao trabalhar com a memória?

As investigações foram inspiradas pelo afeto, pela conversa despretensiosa, pela poética da ativação da memória. Dentro dessa temática, destacamos as palavras da professora Ecléa Bosi, que dentro da psicologia social trabalha com memórias e oralidade. Em entrevista¹, ela disse:

“O passado, a rigor, é uma alteridade absoluta que só se torna cognoscível mediante a voz do nosso depoente, nosso narrador (...) quando a narrativa é hesitante, cheia de silêncio, ele não deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que está escutando ou de preencher as pausas. Importante destacar que a fala emotiva e fragmentada do nosso memorialista é portadora de significações que nos aproxima da verdade. Nós temos que aprender a amar esse discurso tateante, as suas pausas, as suas franjas, com fios perdidos quase irreparáveis. Bem mais que um documento unilinear, a narrativa da testemunha mostra a complexidade do real. Oferece uma via privilegiada para compreender a articulação dos movimentos da história com a cotidianidade. É muito belo escutar esse rememorar meditativo da testemunha. E nós então compreendemos que se pode fazer da memória um apoio sólido para a construção do presente e ela se torna para nós uma verdadeira matriz de projetos.

O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente - mas por que se relacionam através de índices de significação comum. São constelações de eventos mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (...). O vínculo com o passado, que é vital, porque dele se extrai a seiva para a formação da identidade.

Os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permite um enraizamento num dado espaço ou numa comunidade, mas este continua sendo um direito humano fundamental (...). O desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna (opressão de natureza econômica) é a espoliação das lembranças. Eu penso que os urbanistas quando fazem projetos sobre as cidades, deveriam escutar os velhos moradores e estarem abertos a sua memória, que é a memória de cada rua, de cada bairro. Eles estariam recuperando a dimensão humana do espaço que é um problema político dos mais urgentes. A sobrevida de um grupo se liga estreitamente à morfologia da cidade e essa ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento. Há nos habitantes do bairro o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ver que anima a vida das ruas, das praças, dos mercados e das esquinas. E tudo isso se reflete bem nos depoimentos dos nossos memorialistas. Então, os pesquisadores devem ter a consciência de que uma história de vida que nós escutamos não é feita para ser arquivada ou guardada em uma gaveta como coisa, existe para transformar a cidade onde ela floresceu.”

Como ativamos o espaço?

Da importância de estar livre para experimentar: o foco no processo

Durante a residência, os trabalhos convergiram para uma percepção em comum: o processo é tão importante quanto os resultados. O encontro marcou os processos únicos de trabalho de cada investigadora, em um encontro para relatos e cruzamentos de bagagens dos processos criativos em campo. Acreditamos que discutir procedimentos, indo além da metodologia, é uma forma de validá-los e oficializá-los. Dentro dessa perspectiva, percebemos que alguns precisam ir a campo com a bolsa vazia, e deixar-se levar pelas forças que surgem durante o trabalho. Outros já sabem os materiais e minúcias que carregam quando se deslocam a um novo território.

Optamos por tratar da “mochila” porque ela, enquanto materialidade e também representação, é uma extensão da organização do artista e de seu estado de corpo, das formas na qual ele constrói narrativas e lida com as inspirações e desafios do trabalho.

As perguntas que inspiram esse encontro foram: o que o investigador carrega na mala quando vai a campo? Imerso em uma residência, o que trazemos de volta na bagagem? O que fazemos depois que voltamos de campo? Um procedimento é um método? Quais são as perguntas que nos acompanham?

Foram convidadas para mediar o encontro as artistas Laura Gorski e Renata Cruz. Após retornarem da imersão do LABVERDE, uma residência na floresta amazônica, as artistas abriram suas mochilas e

¹ BRUCK, M. S. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. *Dispositiva*, v.1, n.2, nov.2012 / abr. Minas Gerais.

dividiram seus processos e inspirações, em uma conversa com as residentes, aberta ao público.

Como desdobramentos, nos permitimos uma quebra do protocolo formal de pesquisa. Esse protocolo diferencia o que é processo, de cunho pessoal, íntimo, e abrange todos os caminhos, inspirações e movimentos que brincam o corpo do investigador, daquilo que é entrega formal, resultado concreto, a ponta da cadeia, que traz uma estranha sensação de conclusão. O encontro foi muito importante para definirmos, a partir de então, o tom ou o plano de fundo de todas as residentes, incluindo e validando não só aquilo que foi conclusivo, mas todos os desvios, as perguntas, as pequenas coisas que foram deixadas para trás ou ficaram incompletas, agora partes significativas do processo.

Tornam-se caminhos que podem ser percorridos, e rotas redescobertas a qualquer momento, como um livro de receitas que transita entre prateleiras, gavetas e beirada de pia na hora de uma consulta. Os procedimentos inventados pelas residentes visibilizam histórias e partilham conhecimentos, para que possam ser resgatados sempre que necessário.

“A questão das ausências e vazios foi marcante, e de repente percebemos que teríamos que esvaziar nossas mochilas da técnica e da ciência para que o imaginário pudesse entrar. O imaginário habita os vários e narra o invisível, e era exatamente isso que precisávamos fazer para encontrar as histórias do subterrâneo. Esse encontro teve um impacto direto no planejamento das próximas atividades. Tiramos da mochila o peso da autoria e a responsabilidade da criação, e passamos a buscar "brechas que tornam possível o encontro". Coletivo Batatas Jardineiras

Enrede-se, mude-se, doe-se, decomponha-se

O processo das residentes culminou em uma ação coletiva aberta ao público, proposta por Julia Paranaguá, levando para a rua elementos de fundo de quintal, tendo como linha condutora os princípios de *enrede-se, mude-se, doe-se, decomponha-se* desenvolvidos durante seu processo de trabalho. A calçada foi ativada com instalações, música, oficina de caligrafia, serigrafia, compostagem, banquete de frutas, nadismo (momento de pausa e isolamento do fluxo da avenida), doação de roupas e livros e mudas de plantas de poder, banho de mangueira, e cangas esticadas para espaço de leitura ou contemplação. Participaram dessa atividade os transeuntes e o público espontâneo da avenida. Em cortejo, seguimos para o gramado do Museu com uma roda de conversa com o público, em um movimento de trazer a rua para a intimidade do quintal.

“Entre os desdobramentos dessa residência, a investigação sobre inventários e arquivos me levou a uma reflexão sobre a preservação das memórias e as múltiplas formas de narrá-las. Após revirar os baús da casa da minha avó, recriando narrativas para as histórias que reclamavam sua existência por meio de objetos guardados, nasceram as perguntas: no que se transforma aquilo que se guarda? O que significa recontar uma memória/história? Assim, baseada no arquivo como espaço de disputa simbólica e na memória como invenção de possíveis, trouxe a tona essas questões por meio de dois pontos de um mesmo projeto: *Prólogo: um quintal* e *Museu da Ficção*, este último levado adiante após o encerramento do período da residência.

Prólogo: um quintal

Falar de quintal durante as eleições que desaguaram nessa tragédia que se apresenta é falar de tudo o que nos sustenta, mas que restrito aos fundos da casa é negado para que se veja apenas uma arquitetura disforme e um jardim desenhado para deleite alheio. Ainda que ao longo da residência não houvesse encontrado o quintal que almejava, espaço que habita meu imaginário como lugar de resistência e margem, decidi fazê-lo existir tal qual uma memória que quando acessada se recria. Para mostrar que os valores que ele simboliza, uma vez que são memórias, podem sempre ser revividos. Uma e outra e outra vez. Assim, levamos para a calçada do MCB o quintal. Como o prólogo de uma peça que devesse se desenrolar em resposta aos tempos que se impõem, alterando a ordem dos acontecimentos. Na encenação desse espaço, iminência entre a casa e a rua, nos permitimos ser da forma mais genuína, brotando na terra fértil e na saia das tias baianas que deram lugar à sambas bonitos nos morros da minha cidade. Porque esse espaço, de força e potência, habita em todos nós. Porque queremos ser os frutos e a terra, existir à nossa maneira. Não nos fundos, mas na frente. Porque nesse contexto, ocupar é resistir, e resistiremos juntos, com amor, com arte, com música. Porque é preciso ser quintal.

Museu da Ficção²

Começa com uma carta de Pero vaz de Caminha. Marco fundacional de um país. Uma invenção. A história de um território existente que na carta se transmuta e se torna descoberto uma vez mais. Como num teatro. Cosmogonias sobrepostas num faz de conta contínuo interpretado por aqueles que se desejam reis. Descobrimto pelo mundo afora validado. Descobrimto pelos moradores de outrora - e todos que os reconhecem como povos originários - questionado. Assim, em um território ficcionado em uma carta que descreve em pormenores aquele que se tornaria um país regido por uma cidade inventada - Brasília - criamos o museu da ficção. Esse museu virtual tem por objetivo ser um espaço onde possamos, coletivamente, por meio da arte e da ficção, recontar a história do que somos e do que pretendemos ser - tal qual feito em nosso discurso fundacional. E que

² www.museudaficcao.com

por meios dessas histórias, sob uma perspectiva decolonial, possamos recriar o país que desejamos e as origens que validamos.”
Júlia Paranaguá

Como dar corpo para esse quintal que carregamos conosco?

Os processos que nasceram a partir da residência apontaram percursos que permearam a escrita, o desenho, a confecção de objetos e a intervenção no espaço. Os corpos estiveram atentos, sobre vigília, em constante negociação entre as demandas internas, vinculadas ao processo criativo e externas, em relação ao museu e ao público. O encerramento desta edição é marcado pela entrega dos materiais produzidos pelas residentes ao MCB, agora guardados na Biblioteca do Museu, e disponíveis para consulta do público.

Permanência

“Mensagem aos futuros proponentes.

Coragem.

Penso naqueles que podem ter a iniciativa de ler este texto. Imagino que, além da equipe tão comprometida do Educativo do Museu da Casa Brasileira, este trabalho será lido pelas mesmas que ocupam o lugar em que estive em 2018.

Quando soube da Residência Quintal Aberto, decidi ir ao museu e ao jardim para observar o que estes espaços poderiam trazer como estímulo e quais eram suas potencialidades. Conversei também com alguns conhecidos sobre o que sentiam naquele lugar, na tentativa de me aproximar de questões que pudessem ser a faísca para uma proposta de projeto. Ao chegar em casa, ainda sem ter ideias, resolvi escrever o que era um quintal para mim. Neste processo, acessei memórias e compreendi certas questões, as quais não sei se chegaria a entender, caso eu não fizesse estas reflexões sobre o quintal. O momento da escrita foi também um processo de cura. Neste sentido, entendi: escute seu corpo. Se tem vontade de escrever, escreva; se tem vontade de desenhar, desenhe; se tem vontade de cozinhar, cozinhe; se tem vontade de plantar, plante; se tem vontade de voltar a algum lugar, volte.

Pensar o projeto foi um exercício para refletir como minhas potencialidades podem contribuir para a ativação das do outro, sendo que este outro pode ser um lugar físico, seus elementos naturais ou a ausência destes, ou as pessoas.

A partir dos escritos de minhas memórias, percebi que gostaria de ativar nas pessoas as mesmas possibilidades de descobertas: tudo o que estiver relacionado às ideias e pensamentos sobre o projeto deveriam ser reunidas em um só lugar, seja em um caderno ou arquivo digital.

Como meu trabalho cotidiano está diretamente ligado ao desenho, fiz uma experimentação dentro de uma prática que já me é comum: um desenho-relato de um dos quintais de minhas memórias, contendo não somente imagens, mas escritos. Conversando com várias pessoas, registrei suas respostas em forma de desenhos e palavras, me apropriando de ideias, amadurecendo-as e ganhando confiança para dar-lhes forma.

Durante o projeto, alguns objetos me acompanharam, desde fotografias dos quintais do meu passado, a livros dos meus avós ou caixinhas com pequenos textos que comprei em uma feira gráfica. Por um bom tempo não entendia por que ou como aqueles objetos ou imagens fariam parte do trabalho. Na verdade, eles já eram parte, mas levei um tempo para validá-los enquanto processo.

Menciono estes pensamentos, incômodos e confusos, pois aprendi que começar a pensar no projeto já é parte do próprio projeto e de uma imersão. Recomendo que toda forma de registro seja guardada e, se possível, reunida, com o objetivo de validar e valorar um processo. Assim, o pensamento e a escrita do projeto podem ser oportunidades de amadurecimento e reflexão para outros editais.

O esforço para criar algo original e dar-lhe sentido parte de experiências e processos pessoais, dentro do que o proponente acredita e almeja. Penso que este fio condutor da origem, acompanhado pelo caderno ou arquivo de processo, são valorosos nos momentos em que as ideias começam a expandir e surgem dúvidas sobre qual caminho seguir - pois é natural que aconteça, e isso vai acontecer. Acreditem em suas ideias. Coragem para tentar e permanecer.

Permanência.”

Marla Rodrigues

Imagens e legendas



1. Encontro com as residentes no Ateliê do Educativo.



2. Imersão no quintal do Museu



3. Acompanhamento semanal das *torres de minhocas*.
Coletivo Batatas Jardineiras



4. Sensibilização com os funcionários do Museu, visita a horta, banquetinho de frutas, oficina de confecção e uso de composteira doméstica. Coletivo Batatas Jardineiras.



5. Catalogar, resistir, guardar memórias. Julia Paranaguá.



6. Quais as memórias do seu quintal? Conversas, anotações e desenhos. Marla Rodrigues.



7. Abertura de Mochilas: O que você leva a campo e o que você traz de volta. Encontro mediado pelas artistas Laura Gorski e Renata Cruz, para uma troca de seus processos com as residentes, em uma conversa aberta ao público.



8. *Contacriação: as histórias do subterrâneo.* Na horta do Museu, observação dos insetos que habitam a composteira e o solo e criação de histórias fantásticas sobre este universo. Coletivo Batatas Jardineiras



9. Serigrafia em tecidos. Julia Paranaguá



10. Conversa sobre a vida dos insetos do subterrâneo e criação coletiva de histórias. Intervenção com a artista convidada Bruna Frez. Coletivo Batatas Jardineiras.



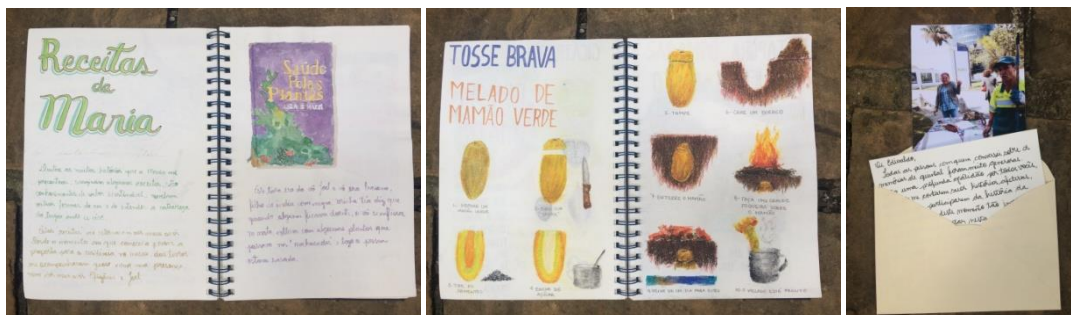
11. *O viés, a ficção e o caminho: traçados possíveis.* Através de conversas e caminhadas pelo jardim do museu, se criou uma cartografia no espaço, inventando uma flora composta por passados e futuros possíveis. Julia Paranaguá.



12. *Enrede-se, mude-se, doe-se, decompõe-se*



13. *Quintal: mapa processual de uma memória em construção.* Julia Paranaguá



14. Caderno. Marla Rodrigues

A Residência Quintal Aberto ocorreu de agosto a novembro de 2018 no Museu da Casa Brasileira.

Residentes

Coletivo Batatas Jardineiras (Maria Eudóxia Pilotto de Carvalho; Mariana de Toledo Marchesi e Roberta Moraes Curan)

Julia Paranaguá

Marla Fernanda dos Santos Rodrigues

Artistas convidadas para mediar o encontro

Abertura de mochilas: O que você leva a campo e o que você traz de volta

Laura Gorski

Renata Cruz

Educadores

Cibele Toledo Lucena

Elizabeth Maria Ziani

Flavia Mielnik

Guilherme Reis Ranieri

Mariana Mifano Galender

Pablo Manuel R. T. Cesar Q. de Miranda

Coordenador do Educativo

Carlos Barmak

Assistente de Ação Educativa

Dayves Augusto Vegini

Assistente de Ação Educativa

Rafael de Souza